

mil e uma noites de tentação

loretta chase

Tradução de Fernanda Semedo

AGRADECIMENTOS



Agradeço a:

Myretta Robens, por me mostrar o caminho para o fabuloso anel de diamantes;

Sue Stewart, pela ajuda com os acidentes de carruagem;

Sherrie Holmes, por variadas missões de busca e resgate;

E, como sempre, à família e amigos: com um agradecimento especial a Walter, Nancy, Susan e, sim, às minhas irmãs.

PRÓLOGO



Northamptonshire, Inglaterra
Primavera de 1799

No dia anterior, durante o enterro dos pais, o Sol brilhara. Hoje estava também um dia absurdamente soalheiro, cruelmente brilhante, alegre e esperançoso; os pássaros cantavam e as primeiras flores da primavera começavam a desabrochar.

Lorde Lucien de Grey, de 10 anos, escondeu-se do sol e da horrível felicidade do mundo.

O irmão mais velho, Gerard, encontrou-o, uma bola de infelicidade enrolada num dos inúmeros corredores da casa antiga que os pais amavam. Tinha sido uma favorita dos Duques de Marchmont desde que fora construída, séculos antes.

Gerard, três anos mais velho do que Lucien, tornara-se agora o décimo Duque de Marchmont.

— Não penses neles — disse-lhe o irmão. — Isso torna tudo pior.

— Não estava a pensar neles! — gritou Lucien. — Não percebes nada! Odeio-te!

A batalha escalou rapidamente das palavras para o confronto físico. Lutaram, nesse dia e nos que se seguiram, por tudo e por nada. Familiares e tutores intervieram, mas ninguém gostava de castigar dois rapazes enlutados, por mais terrível que fosse o seu comportamento.

Partiram mobiliário e loiça. Partiram uma janela e a cabeça de uma estátua que o avô tinha trazido da Grécia. E assim continuaram, durante semanas.

Até que um dia apareceu Lorde Lexham, um bom amigo do pai deles.

As duas famílias costumavam passar o verão juntas. Durante muito tempo, todos os verões parecia ter chegado um novo bebê Lexham. Quando a febre fatal se abateu sobre os pais de Lucien, a descendência Lexham parecia ter assentado nos oito: três rapazes e cinco raparigas, a última chamada Zoe Octavia.

Lorde Lexham era um dos três guardiões que o Duque de Marchmont nomeara em testamento para cuidar dos filhos.

Foi o único que teve uma mão ativa.

Muito ativa, na verdade.

Arrastou primeiro Gerard e depois Lucien para o escritório do pai e deu a cada um deles um açoite, não propriamente leve.

— Normalmente, não acredito nos castigos corporais — disse ele depois —, mas vocês são um caso complicado. É necessário primeiro conseguir a vossa atenção.

Ninguém — *ninguém* — alguma vez lhes tinha batido.

Contudo, curiosamente, foi um alívio.

E sem dúvida que conseguiu a sua atenção.

— É melhor arranjarmos alguma coisa para vocês fazerem — disse.

E encontrou muito para eles fazerem. Forçou-os a aplicarem-se numa rotina punitiva de estudo e exercício, que viria a provar-se um antídoto poderoso para a infelicidade zangada e os amuos.

E então, enquanto a primavera cedia lugar ao verão, outro antídoto para a mágoa entrou na vida de Lucien. Mais uma vez, viajaram para a casa de campo dos Lexham. Desta vez, finalmente, Lucien conheceu a catástrofe iminente que era Zoe Octavia. Ela tinha 5 anos.

Zoe Octavia Lexham odiava regras ainda mais do que Lucien, e infringia-as mais do que ele. O que não era uma tarefa fácil, tendo em conta que, para as raparigas, as regras eram muito mais difíceis de infringir.

Ela fugia. Constantemente.

Ele descobriu que ela o fizera pela primeira vez quando tinha 4 anos. Fê-lo várias vezes durante esse primeiro verão em que a conheceu e não parou nos anos seguintes. Ela era a criança-problema. A sua

tendência para aproveitar todas as oportunidades de fuga era apenas um dos problemas.

Montava cavalos que não eram para ela. Brincava com crianças com quem não devia associar-se. Era, com demasiada frequência, encontrada em sítios aonde a filha de um nobre não pertencia. Parecia desfrutar de fazer exatamente o que não devia.

Lucien tinha a certeza de que ela passava noites acordada a conceber formas de irritar e envergonhar, especialmente os irmãos.

Quando tinha 7 anos desafiou o irmão Samuel a trepar ao telhado. Este, seis anos mais velho, informou-a de que não era um macaco treinado e que não era tarefa sua entretê-la. Ela chamou-lhe mariquinhas pé de salsa. Depois subiu à parte mais inclinada do telhado.

Lucien foi o único com agilidade suficiente para a trazer para baixo.

Começou a ser ele também a pescá-la para fora dos lagos e a localizá-la no chalé do guarda de caça ou na oficina do ferreiro quando ela desaparecia. Nenhum dos irmãos tinha a menor ideia de onde encontrá-la ou o que fazer com ela.

O incidente do críquete foi típico.

Ela tinha 8 anos. Os rapazes estavam a organizar um jogo de críquete. Ela foi a correr ter com ele.

— Quero jogar, Lucien. Diz-lhes para me deixarem.

— As raparigas não jogam críquete — disse ele. — Volta para as tuas bonecas e as tuas amas, pirralha.

Ela pegou num taco e rodopiou para lhe bater — ou tentou. Rodopiou com toda a sua força e continuou a rodopiar, como um carrossel, até cair em cima do rabo.

E ficou sentada, o desordenado cabelo louro em pé, os vivos olhos azuis arregalados e a boca aberta, de tão desconcertada.

Ele riu tanto que também caiu.

Ela era irritante, por vezes enfurecedora, geralmente impossível. E era algo muito brilhante na vida dele.

CAPÍTULO 1



*Londres,
Quarta-feira, 1 de abril de 1818*

Lucien Charles Vincent de Grey, décimo primeiro Duque de Marchmont, parou na ombreira da porta da salinha virada a nascente do White's Club, examinando os presentes através dos olhos semicerrados.

As mulheres costumavam atribuir significados profundos àqueles sonolentos olhos verdes, quando, de facto, o pensamento mais profundo que lhe ia na cabeça era *Como ficarás nua?*

As mulheres tinham frequentemente uma ideia errada dele. A forma como o cabelo louro-claro brilhava sob certos tipos de luz conferia-lhe às feições uma qualidade etérea. A tendência de um caracol errante para lhe tombar sobre a testa era vista como poética.

Os que o conheciam não acreditavam em nada disso.

O Duque de Marchmont, aos 29 anos, não era etéreo nem poético.

Evitava pensamentos profundos e não permitia que sentimentos fortes fervilhassem dentro dele. Não levava nada a sério. Isto incluía vestuário, mulheres, política, os amigos e até — ou talvez especialmente — ele próprio.

De momento, nenhuma mulher corria o risco de se iludir, pois não havia nenhuma nas proximidades. Afinal, este era o White's, a coutada exclusiva de 500 homens privilegiados.

Vários destes estavam reunidos junto da famosa janela de sacada onde Beau Brummell outrora presidira. Mesmo agora, quando Beau languidescia em França, escondendo-se dos credores, os assentos naquele lugar sagrado eram reservados para poucos eleitos.

Nesse momento os ocupantes incluíam um grande amigo de Brummell, o Barão de Alvanley, assim como o herdeiro do Duque de Beaufort, o Marquês de Worcester. Argumentando com eles estavam Lorde Yarmouth, Lorde Adderwood e Grantley Berkeley. Desse grupo, apenas Adderwood — magro, moreno e, provavelmente, o mais sensato do grupo — não tinha sido um dos companheiros de folia de Brummell. Mas era de Marchmont. Eram bons amigos desde os tempos de escola.

Embora quebrasse meia dúzia das regras de Beau todos os dias e, pior, acreditasse que isso não tinha importância, o Duque de Marchmont era um dos Eleitos.

Não sabia nem queria saber porque o tinham escolhido. Na verdade, achava Brummell um grande chato, e preferia sentar-se na janela de sacada quando os outros não estavam lá, praticando a sua graça — ou assim julgavam — com os transeuntes em St. James's Street.

Quem se importava que os painéis desta carruagem fossem demasiado escuros, que a casaca daquele cavalheiro fosse dois centímetros mais curta, ou que a touca daquela senhora tivesse passado de moda na semana anterior?

Não o Duque de Marchmont.

Ele importava-se com muito pouco neste mundo.

O seu sonolento olhar verde deslizou do conjunto de engraçadinhos e janotas junto da janela de sacada para uma área sossegada do outro lado da sala, onde um sujeito dormitava numa poltrona bem acolchoada. Como se sentisse o olhar ducal, o cavalheiro abriu os olhos. Marchmont fez um gesto ínfimo com a mão, universalmente reconhecido como *Vai-te embora*. O cavalheiro levantou-se rapidamente e saiu da sala.

Sua Graça ainda mal conseguira acomodar a sua estrutura de 1,82 m na cadeira quando tomou consciência do burburinho de excitação que emanava do contingente na janela de sacada. A sua atenção, notou, não se dirigia a um transeunte de St. James's Street mas ao livro de apostas encadernado a couro.

Após um momento, Lorde Adderwood deixou o seu olhar negro e penetrante viajar pela sala até ao seu antigo colega de escola.

— Aí estás tu, Marchmont — disse.

— Que observador és, Adderwood — replicou Marchmont. — Não te escapa nada.

— Ia agora procurar-te em todo o clube — disse Adderwood. — Não podíamos fechar o livro de apostas sem ti. O que dizes? Eu digo que ela é.

— Então eu digo que não é.

— Quanto, nesse caso?

— Aposto mil libras — disse o duque. — Depois, por favor, diz-me, primeiro, quem é ela? E, em seguida, ela é ou não o quê?

Todas as cabeças se levantaram e todos os pares de olhos se viraram na sua direção.

— Santo Deus, Marchmont, onde tens estado? — questionou Alvanley. — Na Patagónia?

— Tive uma noite atarefada — respondeu Sua Graça. — Não me lembro onde estive. Onde fica a Patagónia? Algures nas proximidades de Lisson Grove?

— Ele só lê os jornais à hora de deitar — explicou Adderwood aos outros.

— Considero-os uma ajuda infalível para um sono sem sonhos — disse Sua Graça.

— Mas não precisas de ler nada — replicou Worcester. — Colaram fotografias dela nas montras de todas as tipografias.

— Vim pelo outro lado — explicou Marchmont. — Não vi fotografias nenhuma. O que aconteceu? Mais um dos duques reais que está a cortejar uma princesa alemã? Não é de estranhar. Aguardo há muito que alguém da família real faça algo verdadeiramente chocante, como casar com uma inglesa.

Em novembro passado, após um longo e agonizante trabalho de parto, a princesa Carlota, amada pelo país, dera à luz um nado-morto e falecera. Este fim triste para as esperanças inglesas — ela era a única filha e herdeira do príncipe regente — levava os seus tios, os duques reais, a abandonar as amantes e a numerosa prole ilegítima, a fim de iniciar negociações matrimoniais com várias primas alemãs.

— Não tem nada que ver com eles — disse Adderwood. — Está relacionado com o Lexham. Estamos uniformemente divididos entre os que dizem que sua senhoria perdeu finalmente o juízo e os que pensam que esteve sempre certo.

Os olhos de Marchmont abriram então um pouco mais, e o seu cérebro indolente atingiu algo parecido com atenção.

— Zoe Octavia — disse ele. Se estavam a fazer apostas acerca de Lexham, estas deviam estar relacionadas com a sua filha há muito perdida.

Doze anos antes, Lexham levara a mulher e a filha mais nova numa viagem pelo Mediterrâneo oriental. Marchmont não achou que fosse a melhor ideia em tempo de guerra.

De facto, a França entregara o Egito aos Ingleses em 1801, e a grandiosa vitória de Lorde Nelson em Trafalgar demonstrara a superioridade naval inglesa. Mas os mares permaneciam longe de estar seguros. Além disso, as lutas de poder europeias não significavam nada para os vários paxás, beis e outros que tais que governavam as suas porções do Império Otomano. A Grécia, o Egito e a Terra Santa faziam parte desse império, e tanto governadores como governados prosseguiam com as suas vidas como sempre tinham feito. O comércio de escravos era lucrativo, e as escravas brancas eram sempre pretendidas para os haréns — como os piratas que infestavam o Mediterrâneo bem sabiam.

A região não era, em resumo, o lugar mais seguro aonde levar uma menina inglesa de 12 anos, cabelos louros e olhos azuis, e muito menos Zoe. Mal tinham chegado ao Egito quando a tola rapariga, naturalmente, fugira, como tantas vezes tinha feito em casa.

Mas desta vez Marchmont não estava lá para a localizar e os que a procuraram não encontraram qualquer vestígio dela. Acreditou-se que tivesse sido raptada. Lexham aguardou um pedido de resgate. Este nunca chegou.

O pai nunca desistiu de a encontrar. Embora acabasse por ter de regressar a Inglaterra, contratou agentes para continuarem o trabalho. Estes tinham subido e descido o Nilo, e percorrido o caminho da Argélia a Constantinopla e de novo à Argélia. Ouviam dizer que ela estava aqui ou ali. Recolhiam rumores, nada mais.

Marchmont abandonara a esperança uma década antes, e trancara Zoe no armário mental onde guardava os outros que perdera e os sentimentos que já não se permitia ter.

— Qual é o número desta? — disse ele. — Alguém anotou quantas mulheres apareceram à porta de Lexham, afirmando ser a sua filha há muito perdida?

— Calculo que sejam umas 40 — disse Alvanley. — A maior parte nos primeiros anos. Têm diminuído consideravelmente nos últimos tempos. Quase me tinha esquecido dela.

Embora toda a gente o considerasse louco por continuar à procura,

Lexham revelara-se suficientemente sensato para rejeitar cada uma das pretensas Zoe.

— Então, julgo que podemos aferir o total em 41 — disse Marchmont. Alvanley abanou a cabeça.

— Desta vez ele acolheu-a — disse Adderwood.

O Duque de Marchmont levantou-se da cadeira e correu à janela de sacada. Berkeley pegou num dos jornais da mesa e deu-lho.

«Lorde Lexham Acolhe Concubina», proclamava o título.

O coração habitualmente impassível — alguns diriam inexistente — de Marchmont começou a bater de uma maneira estranha. Não que alguém se apercebesse. A sua expressão sonolenta nunca vacilou enquanto examinava o extenso artigo do *Morning Post*.

— «Jovem misteriosa» — leu em voz alta. — «Chegou a Londres na segunda-feira com Lorde Winterton. Família previamente avisada reuniu-se em Lexham House, preparada para confrontar e expulsar mais uma impostora...» e por aí adiante. — Abanou a cabeça, olhando as colunas. — «O leitor imaginará as lágrimas derramadas após a feliz descoberta...» — Levantou os olhos. — Acho que vou vomitar. Quem escreve estas baboseiras?

Continuou a ler, dramaticamente.

— «Mas, de facto, eis que era ela, finalmente devolvida ao seio da sua família, após 12 longos anos como cativa no palácio do paxá Yusri.» — Saltou mais alguns parágrafos. — «Crime chocante... Lexham... baronato antigo... filha mais nova raptada e vendida no mercado de escravos do Cairo...»

Com uma gargalhada, deixou cair o jornal em cima da mesa.

— MUITÍSSIMO divertido. Por acaso não repararam na data?

— Não precisei de reparar — disse Adderwood. — No caminho para cá, uma série de catraios avisaram-me de que tinha o lenço a cair do bolso. Haverá uma partida de 1 de abril mais antiga do que essa? Juro que os rapazes a devem ter pregado ao Sócrates. O 1.º de abril foi a primeira coisa em que pensei quando vi o jornal. Mas qual é, exatamente, a partida?

— Toda a gente já se esqueceu dela — disse Alvanley. — Porquê fazer uma brincadeira com ela? Porque não escolher um tema mais atual?

— Viste quem a trouxe para casa — disse Berkeley.

— O Winterton. — O segundo cínico mais cínico de Inglaterra. O primeiro era o Duque de Marchmont. — Mesmo que eu não tivesse reparado na data, o nome ter-me-ia causado desconfiança. — De sangue-frio e

mente determinada, Winterton não era o género de homem que resgatava donzelas em apuros.

— Ainda assim, o facto é que apareceu uma rapariga em casa de Lexham, afirmando ser a mais nova da família — disse Worcester. — Essa parte não é uma brincadeira do Dia das Mentiras.

— Viste-a? — perguntou Marchmont. Voltou a pegar no jornal. Não fazia sentido — a menos que Winterton tivesse sofrido uma concussão no decurso das suas viagens pelo Oriente.

— Ninguém a viu, exceto aqueles que ela reivindica como seus familiares mais próximos — disse Alvanley. — E esses não falam. Pelo que me disseram, fecharam-se em Lexham House e não recebem visitas.

Apesar dos seus esforços determinados para o sufocar, o interesse do Duque de Marchmont tinha sido verdadeiramente despertado. A sua expressão permanecia sonolentemente divertida.

— Começo a perceber porque é que o Adderwood estava disposto a mexer-se para me encontrar — disse.

— Tu és parente dos Lexham — disse Adderwood.

Não era uma brincadeira. Marchmont conhecia o seu antigo guardião melhor do que os próprios filhos de Lexham. O homem não era tolo.

Contudo, esta jovem enganara-o — assim como, aparentemente, a Winterton.

Não fazia sentido.

O Duque de Marchmont, contudo, nunca se atrapalhava. Quando se sentia desconfortável, hesitante, confuso ou — como era o caso neste momento — profundamente baralhado, ignorava a sensação. E, decerto, não a revelava.

— Como membro da família, declaro que esta rapariga, seja lá quem for, não pode ser a mais nova dos Lexham — disse Marchmont. — A Zoe num harém durante 12 anos? Talvez, se a tivessem acorrentado a uma parede muito sólida.

— Ela era uma maria-rapaz, se bem me lembro — disse Adderwood. Mais do que uma vez se juntara a Marchmont durante aquelas longínquas férias de verão com os Lexham.

— Uma fugitiva — acrescentou Marchmont.

Via-a demasiado claramente na sua cabeça.

Quero jogar, Lucien. Diz-lhes para me deixarem.

As raparigas não jogam críquete. Volta para as tuas bonecas e as tuas amas, pirralha.

Encafuou a memória no armário mental de onde esta escapara e fechou a porta com força.

— Espero, para bem do Lexham, que a mulher não seja a filha dele — disse Alvanley. — «Fugitiva» seria o epíteto mais gentil que a sociedade lhe atribuiria.

— Doze anos num harém — comentou Berkeley. — É o mesmo que dizer 12 anos num bordel.

— Não é a mesma coisa — disse Adderwood. — Muito pelo contrário.

— Ninguém se importa que seja ou não — disse Marchmont. — Ninguém permitirá que os factos atrapalhem um bom escândalo.

E esta era uma situação com que os criadores de escândalos sonhavam como os alquimistas com a pedra filosofal. A história de uma rapariga inglesa, filha de um Par do Reino, perdida por 12 anos no exótico Oriente, entre bárbaros e polígamos, seria um festim para as mentes sujas.

— Espera até veres as fotografias — disse Worcester. — Espera até veres a multidão à porta de Lexham House.

— Já estavam lá reunidos quando fui para casa esta madrugada — disse Berkeley. — Aquele sítio parecia a feira de São Bartolomeu.

— Empregados de escritório, leiteiras, raparigas das lojas, vendedores ambulantes, carteiristas e bêbados, todos aguardando um vislumbre da concubina — disse Worcester.

— Ouvi dizer que tinham chamado a tropa para dispersar a multidão — declarou Yarwood.

Marchmont ter-se-ia rido deste último exemplo de absurdo humano se Lexham não estivesse no centro de tudo.

Era o bom nome de Lexham que o escândalo e a notoriedade manchariam. Era o julgamento de Lexham, um dos membros mais dedicados e trabalhadores da Câmara dos Lordes, que seria questionado. Era Lexham que seria ridicularizado.

O Duque de Marchmont preocupava-se com pouco neste mundo, e esse pouco começava e acabava em Lorde Lexham. O que o duque devia ao seu antigo tutor era difícil de descrever em palavras, e nunca poderia ser pago.

Aquele disparate tinha de ser travado. Imediatamente. E, como costumava acontecer numa crise relacionada com Zoe, era Marchmont quem tinha de tratar disso.

— Aposto mil libras, Adderwood — disse. — Não sei quem ela é, mas não é a Zoe Lexham. E prová-lo-ei antes do fim do dia.

Uma hora depois de ter feito a sua aposta, o Duque de Marchmont examinou o mar de gente numa outrora pacífica Berkeley Square. Por cima das cabeças acumulavam-se grossas nuvens cinzentas, escurecendo precocemente o dia.

Ninguém se importava com o tempo. Ele sabia que nem um terramoto afastaria aquela multidão. Aguardar um vislumbre dos protagonistas do último escândalo da sociedade era um entretenimento tão apreciado como um enforcamento público.

Apenas alguém que tivesse vivido numa caverna de eremita no último ano acharia o alvoroço surpreendente.

A nação passara o inverno a chorar a sua amada Princesa de Gales. Para o cidadão comum, a princesa Carlota era uma imagem luminosa e feliz entre o conjunto deprimente que constituía a atual família real. A história da concubina não podia ter apelado mais à sua disposição e gosto se tivesse sido feita de encomenda: Corajosa rapariga inglesa (como a falecida princesa) contraria probabilidades impossíveis e supera uma série de vis pagãos. Melhor ainda, a história de Zoe Lexham era não só heroica como palpitante. Visões de Salomé bailavam nas suas cabeças.

Neste momento, Sua Graça estava mais bem equipada com informação, e também mais lubrificada pelo álcool. Diante de uma garrafa, ou duas, ou três, os amigos repetiram-lhe todas as histórias que tinham ouvido. Antes de ir para ali, parara diante da loja de gravuras de St. James's Street. Tivera de abrir caminho entre a multidão que olhava, embasbacada, as imagens nas montras.

Uma das caricaturas mostrava uma Zoe Lexham de seios enormes, vestida apenas com uma grande cobra, executando uma lúbrica contorção que pretendia representar a dança oriental. Noutra, girava lascivamente envolta em véus transparentes, enquanto um sujeito de turbante com a cara do primeiro-ministro lhe oferecia, numa bandeja, a cabeça do príncipe regente.

Embora Sua Graça se demorasse nestas, não negligenciou as imagens menos obscenas, por exemplo a que apresentava Lexham como um velho tolo e iludido e Winterton a traficar a rapariga para fora do Egito num tapete, qual Cleópatra de Shakespeare. Várias outras gravuras faziam referência a um incidente no ano anterior, quando uma mulher levava algumas almas

confiantes de Gloucestershire a acreditarem que era a princesa Caraboo de Javasu. Acabara por se revelar uma impostora chamada Mary Wilcocks, de Witheridge, no Devonshire.

Marchmont não fazia ideia de quem pudesse ser a jovem em casa de Lexham, nem estava particularmente interessado em saber. O que sabia era que, nos últimos tempos, não ansiara por nada tanto quanto por desmascará-la.

Começou a abrir caminho entre a multidão, empurrando «acidentalmente» os que não se afastavam com bastante rapidez. Não precisou de o fazer muitas vezes. A atitude sonolentamente etérea do Duque de Marchmont fora caricaturada em numerosas ocasiões. Adornara as montras das lojas de gravuras e os toldos dos vendedores de estampas. O mundo sabia — ou julgava saber — tudo acerca dele. Quando o viam chegar, os sensatos saíam do caminho.

Entretanto, na salinha de Lexham House, o objeto de toda aquela excitação estava sentado a uma pequena mesa junto de uma das janelas, examinando as estampas de moda na última edição de *La Belle Assemblée*.

Como aprendera a fazer no harém, Zoe transformava-se em calma no olho do furacão.

Todos os seus sete irmãos tinham ocorrido esta manhã a Lexham House.

Os sete estiveram, desde então, fechados com ela e os pais na salinha. Tinham passado o tempo a discutir e a berrar. O número, ainda que não o barulho, diminuía, contudo, nos últimos minutos.

O irmão mais velho, Roderick, tinha sido o último dos irmãos a sair. Um momento antes, descera as escadas, seguindo Samuel e Henry até à sala de bilhares. Aí, sem dúvida, estavam todos amuados porque o pai os acusara de se comportarem como mulheres histéricas.

Zoe sabia que eles preferiam permanecer amuados em Lexham House a ir para casa e enfrentarem as suas mulheres. Se todos os seus irmãos estavam zangados com ela por perturbar as suas vidas, que poderia esperar das mulheres deles?

Era também óbvio que os irmãos contavam com as quatro irmãs mais velhas para acalmar o pai.

Augusta, Gertrude, Dorothea e Priscilla permaneciam sentadas em redor da grande mesa central. Aí consumiam grandes quantidades de chá

e bolos, a fim de manterem o nível de energia necessário para as intermináveis queixas, censuras e recriminações que lhes pareciam adequadas à ocasião. As duas mais novas, Dorothea e Priscilla, encontrando-se em avançado estado de gravidez, eram mais propensas às lágrimas, a mudanças súbitas de sentimentos e a ocasionais desmaios do que as duas mais velhas.

A tempestade, que acalmara brevemente com a partida dos irmãos, rebentou de novo. Zoe deixou-a tombar sobre si, reunindo força de espírito e poupando energia para o momento crucial.

— Ela não pode ficar em Londres, papá!

— O papá viu os jornais.

— Se pudesse ver as estampas...

— Coisas lascivas, repugnantes.

— Encantadoras de serpentes, e esse género.

— Somos uma anedota, um circo que entretém a multidão.

— Fui obrigada a viajar furtivamente pelo centro da cidade, como uma criminosa comum, e a entrar aqui sorrateiramente pelo jardim.

— Tivemos de cobrir os braços da carruagem.

— Não que valha a pena sair de casa, quando temos vergonha de mostrar a cara em público.

— Decerto não podemos visitar amigas. Já não temos nenhuma.

— Três anfitriãs cancelaram os seus convites.

— Sete declinaram os meus.

— E de certeza que isto é apenas o princípio.

— Não podemos censurá-las. Quem é que quer a escumalha de Londres à porta de casa?

— Todos os vizinhos de Berkeley Square nos odeiam, menos o Gunter's, que está a fazer um bom negócio em bolos e gelados. Mas os Devonshire, podem ter a certeza, vão pôr-nos de lado. Assim como os Lansdowne. E os Jersey.

— E sabem o que acontecerá a seguir.

— Motins, não tenho dúvidas.

— *Lady Jersey* — uma das patronas do Almack's. Pensem só no que isso significa. Vamos ser removidos da lista!

Um silêncio desconcertado, e depois:

— Santo Deus! O que vai ser do baile de aniversário da minha Amy?

— Cancela-o. Não irá ninguém.

— O Parker diz que devíamos retirar-nos para o campo. Acreditam nisto? Agora! No auge da temporada social!

Por esta altura a mãe, facilmente abalada por qualquer brisa emocional, desistira de tentar decidir de que lado estava. Refugiara-se na *chaise longue*, de olhos fechados. Ocasionalmente, soltava um gemido.

A língua é diferente, pensou Zoe. As roupas são diferentes. O mobiliário é diferente. Contudo, é tão parecido com o harém.

O pai estava de pé junto da lareira, de costas para todas.

— De facto, não consigo pensar em maior catástrofe do que ver negada a entrada no Almack's — disse para o fogo. — Há duas noites, soluçavam por reencontrarem viva a irmãzinha que julgavam morta. Há duas noites maravilhavam-se com a sua coragem. Agora estão ansiosas por se livrarem dela.

Zoe não sabia bem se as irmãs tinham chorado de felicidade ou de choque e indignação.

Ela entrara em casa e encontrara-os todos ali no vestíbulo — pais, irmãs e cunhados —, como um exército preparado para repelir um invasor.

E se eles não me reconhecerem?, pensara. E se eles não acreditarem que sou eu?

Mas bastara-lhe levantar a cabeça e encontrar o olhar frio e desconfiado do pai enquanto deixava o capuz da capa deslizar-lhe pelo cabelo. O pai observara-a por um momento. Depois fechara os olhos e voltara a abri-los. Ela vira-os encherem-se de lágrimas. Depois ele abrira os braços e ela corra para o abraço.

— Minha rica menina! — A emoção prendia-lhe a voz, mas ela compreendeu cada preciosa palavra. — Oh, minha querida, querida menina. Sabia que havias de voltar. — Ele chorara, e Zoe também soluçara. Estava finalmente em casa.

Embora tivesse regressado mulher e não menina, embora tivesse estado fora tanto tempo, ele reconhecera-a. Todos a tinham reconhecido, gostassem ou não. Como todas as irmãs ela tinha os cabelos louros encaracolados da mãe. Mas fora a única a herdar o perfil da avó Lexham e os seus olhos azul-escuros.

Não podiam negar que era mesmo a sua Zoe Octavia.

Então, no intervalo de 24 horas, os problemas tinham começado e todos se lembraram de que a sua Zoe Octavia era a criança-problema.

— Eu não quero livrar-me dela — gritou Priscilla. — Tenho a certeza de que não quero, papá. Mas não temos alternativa.

— De certeza que têm — disse o pai. — Podem agir com coragem. Podem levantar a cabeça e ignorar as tolices. Se não alimentarmos as

engrenagens do rumor escondendo-nos e negando, o mundo não tardará a descobrir outra coisa qualquer com que se entreter.

— Papá, quem me dera acreditar nisso...

— Se este fosse um escândalo do género habitual, seria esse o caso...

— Mas isto é diferente de tudo o que já aconteceu.

— Não é como um escândalo político...

— Nem mesmo como um adultério ou um divórcio.

— Uma concubina, papá! Quando foi a última vez que Londres teve uma concubina?

— Até podiam chamar-lhe Jezebel.

— Alguns jornais já lho chamaram — além de outros nomes que uma senhora não deve pronunciar.

— Se ela for a algum lugar público — uma loja, um parque, um teatro —, toda a gente vai olhar e murmurar.

— Ela não terá um momento de paz, nem ninguém perto dela.

— Esses horríveis jornalistas vão segui-la para onde quer que vá.

— Ela não pode viver uma vida normal, e nós também não, enquanto ela estiver aqui.

— Não pode ficar em Londres, decerto.

— Mas se partisse para um sítio sossegado, no campo...

— Para casa do querido primo Horatio, por exemplo...

— Que a sua alma esteja em repouso, pobre homem.

— E se vivesse ali sob um nome diferente...

— Oooh — disse a mãe debilmente. Tapou a cara com o lençinho de mãos.

— Partir? — disse o pai. — Mudar de nome? Mas ela acaba de regressar! — O pai virou-se para elas e Zoe ficou chocada com a dor que viu na sua expressão.

— A minha menina. Passei 12 anos a tentar tê-la de volta. Doze anos! Chorei, afligi-me e bati em mim mesmo mil vezes por causa da minha loucura. Doze anos em que me censurei por não ter cuidado melhor dela. — Então, olhou-a nos olhos. — Nunca me perdoarei, filha, por todo o tempo que perdemos e nunca poderemos recuperar.

— Lamento verdadeiramente todos os problemas que lhe causei, papá — disse ela. — E lamento causar tantos problemas a toda a gente desta vez. — Fechou o livro de estampas de moda e cruzou as mãos em cima dele. — Se a única maneira de resolver as coisas for ir-me embora, então irei.

Os olhos das irmãs começaram a secar. A mãe tirou o lenço da cara e sentou-se um pouco mais direita.

— Bem, estou contente por teres decidido ser razoável — disse Augusta.

— Irei para Paris — disse Zoe.

As irmãs gritaram.

— Ou Veneza — acrescentou Zoe. — Vivi trancada fora do mundo por 12 anos. Não suportarei voltar a fazê-lo. Mas estas são cidades. Têm lojas, e teatros, e parques, e esse género de coisas. Sentir-me-ei de novo viva.

— Ela não pode viver em *Paris!*

— O que dirão as pessoas?

— Ela não tem noção do que está a propor.

— Não tem moral, veem. Não tem noção do que é adequado.

— Não tem noção do que é prático, diria eu. Viveria de quê?

— Viveria onde? Quem cuidaria dela?

— Tenho a certeza de que nunca sequer pensou nisso.

— Foi sempre a mais estouvada das criaturas.

O pai não disse nada, mas examinava-lhe o rosto. Sempre a compreendera melhor do que qualquer dos seus irmãos. Esperou, permitindo-lhe responder.

Ela obteve coragem por causa da confiança dele.

— Levo as minhas joias e assumo um nome diferente, como foi sugerido.

— Joias?

— Que joias?

— Ela nunca tinha falado de joias.

— Refere-se a quaisquer bagatelas falsas do bazar.

— Refiro-me a rubis, e diamantes, e pérolas, e esmeraldas, e safiras — disse Zoe.

As irmãs gelaram. Priscilla paralisou com uma fatia de bolo a meio caminho da boca. Gertrude pousou a chávena.

— Pulseiras e colares de prata e ouro — continuou Zoe. — *Joias* é a palavra mais apropriada, não é? O Karim gostava de mim, e era extremamente generoso. Pensei que tinha de vender todas as minhas joias para pagar o meu regresso a casa, mas foi muito mais barato do que eu pensava. Fiquei contente, porque desejava partilhar as minhas posses com as mulheres da minha família. Porém, se é um problema que eu permaneça aqui, as joias permitir-me-ão viver noutro sítio. Disseram-me que Paris e Veneza não eram tão caras como Londres.

As irmãs entreolharam-se.

Quando se tratava de joias, as mulheres eram iguais em todo o mundo. Se o futuro dela e tudo aquilo por que arriscara a vida não estivessem em jogo, ela ter-se-ia rido, porque as irmãs se comportavam exatamente como as concubinas que desdenhavam.

Manteve a expressão serena.

— Eu preferia ficar aqui — disse.

O silêncio continuou enquanto as irmãs cogitavam.

Por vezes, o melhor era dar aos outros um motivo forte para resolverem o problema.

— Não vejo como isso poderia ser feito — disse Augusta após um momento.

— Mesmo que a reeducássemos...

— Não importa o que ela faz ou como se comporta. O que toda a gente vai ver é a concubina.

— Como poderemos persuadir uma anfitriã a recebê-la?

— Ninguém nos receberá enquanto ela estiver aqui.

— Acho que nem o próprio Príncipe Regente conseguiria torná-la bem-vinda no *Beau Monde*.

— A menos que casasse com ela.

Seguiram-se risos amargos.

— Mas ele já é casado, goste ou não goste.

— Um dos duques reais, então?

— Estás a sonhar, Priscilla. Eles têm de casar com princesas.

— A filha de um duque é o mais baixo que podem considerar.

— Mas, para a Zoe... Suponham que o cavalheiro tem um nível muito elevado...

— Se tivesse um nível muito elevado, as anfitriãs não se arriscariam a ofendê-lo. Teriam de aceitar a sua esposa.

— Ofender certos cavalheiros é cometer suicídio social. É preciso alguém como o Sr. Brummell: um verdadeiro cavalheiro da moda cuja aparência — nem que seja por 10 minutos — determine o sucesso de uma reunião.

Novo silêncio enquanto as irmãs ponderavam.

Um momento depois:

— Mesmo assim, o nível precisa de ser realmente *muito* alto. Lady Holland não é convidada para lado nenhum por ser uma *divorcée*.

— Lorde Holland é barão. Não é bastante alto.

— Que categoria precisa de ter? — perguntou Zoe.

— Está fora de questão — disse Augusta com impaciência. — Estamos a perder tempo a pensar nisso. Os poucos nobres de categoria suficiente são quase todos casados.

— Quantos não são? — perguntou Zoe.

Dorothea contou pelos dedos rechonchudos e cheios de anéis.

— Três duques. Não, quatro.

— Um marquês — disse Priscilla. — Isto sem contar os títulos de cortesia. Devemos contá-los?

— É um exercício de futilidade, a mera contemplação de tal coisa — disse Augusta.

— Para começar, como é que um desses cavalheiros ia conhecê-la, quando ninguém a convida para uma reunião? — acrescentou Gertrudes.

Augusta e Gertrudes tinham sido sempre as desmancha-razeres.

— Oh, céus — disse Priscilla.

— Mesmo que fosse possível forçá-los a conhecê-la, está fora de questão.

— Tens razão, Augusta. Ela, uma mulher de 24 anos, que viveu num harém, que pode ou não ter sido casada com um maometano, que não fala bem inglês e não tem noção do que pode ser ou não um tema adequado de conversa?

Zoe descobrira que não se podia mencionar uma grande quantidade de assuntos: certas partes do corpo, dar prazer a si mesmo, dar prazer a outros, desejo, impotência, concubinas, eunucos...

A lista continuava indefinidamente. Não lhe faltava competência nem espírito, mas neste ambiente estava muito deslocada. Recuperara o inglês durante a viagem de regresso. Ao chegar a casa, porém, entrara num mundo tão diferente como o harém fora de início. Muito pouco do que lhe fora ensinado até aos 12 anos lhe ficara tão bem gravado no cérebro como a língua materna.

— Ela pode aprender — disse o pai. — A Zoe foi sempre uma menina inteligente.

— Ela não tem tempo para aprender — disse Gertrude. — Papá, se ao menos pudesse pôr de parte a sua afeição parental...

— Espero nunca o fazer.

— É uma esperança estimável, tenho a certeza, papá — disse Augusta. — Mas o problema é que isso o impede de ver o assunto objetivamente.

Que nobre, pergunto eu, quereria a Zoe quando pode ter uma noiva fresca e inocente de 18 ou 19 anos?

A porta para a salinha abriu-se.

— Sua Graça, o Duque de Marchmont — anunciou o mordomo.